



**PALCOS DA
ARQUITETURA**



Título | Palcos da Arquitetura – Vol. II

Edição | Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa

Coordenação | Conceição Trigueiros

Design Gráfico | João Esteves e Tadeu Alves

Fotografia Capa | João Esteves

1ª Edição

Tiragem | 200 exemplares

Impressão e acabamento | DPI Cromotipo

Novembro de 2012

Depósito Legal | 350679/12

ISBN | 978-972-9346-27-9

COMISSÃO ORGANIZADORA

Conceição Trigueiros

Diretora da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, Coordenadora,
Portugal

Alberto Reaes Pinto

Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada, Portugal

Carlos Guimarães

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal

José Pinto Duarte

Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

Jorge Figueira

Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, Portugal

Luís Conceição

Licenciatura em Arquitetura do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, Portugal

Mário Moutinho

Faculdade de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes da Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias, Portugal

Paulo Mendonça

Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Portugal

Vasco Rato

Departamento de Arquitetura do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal

Fotografia de arquitetura: a fotografia pode sugerir novas formas na arquitetura?	361	O Atelier Sustentabilidade no Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Minho	467
César Bastos de Mattos Vieira e Airton Cattani		Paulo Mendonça	
A contribuição do ensino analógico e digital no processo do projeto: o caso da disciplina de projeto de arquitetura e urbanismo I da UFRRJ	370	Arquitetura Cênica e procedimentos cenográficos de projeto na obra de Lina Bo Bardi	478
Luiz Augusto dos Reis-Alves e Mário de Oliveira Saleiro Filho		Renato Anelli	
Um caso singular de arquitectura popular palafítica, em Portugal	380	A Revista A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (Reunidas) 1935-1945 – Palco de artigos sobre as exposições do mundo colonial português	484
Maria da Graça Bachmann		Paulo Tormenta Pinto	
A apropriação de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos: estudos em espaço pessoal e territorialidade	386	Panopticon: uma arquitectura conceptual	493
Emmanuel Pedroso e Ellis Rocha Regina		Conceição Trigueiros	
O desenho da Praça do Comércio e a colocação da estátua de D. José I: um planeamento conjunto em representação do poder absoluto	394	A Forma da Rua Reflexões Anteriores ao Advento do Urbanismo	498
Rita Ochoa e Mafalda Sampayo		Carlos Dias Coelho	
Contributos para uma metodologia de intervenção no património arquitectónico construído	404	A adaptação às alterações climáticas, os processos ecológicos e o desenho da infraestruturas de gestão das inundações urbanas	506
Joana Ribeiro do Couto		João Pedro Costa, Maria Matos Silva e Diamantino Oliveira	
Tecnologia na arquitetura de escolas: novos arranjos espaciais na sala de aula sob o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação	411	Sete palcos para a Arquitectura	516
Túlio Márcio de Salles Tibúrcio		Teresa Fonseca	
Lisboa, duas visões, dois artistas: Almada Negreiros e Carlos Botelho	420	Experiência e conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX – a viagem e o seu registo como argumento	523
Alexandra Ai Quintas		José F. Gonçalves	
A colonização do mar: possibilidades técnicas do funcionamento de uma cidade flutuante	427	O Museu Imperial em Petrópolis: símbolo de poder	533
Mauro Santoro Campello e Luciana Teperino de Araújo		Luiz Gazzaneo	
Outra Venezuela é possível?	436	"Plug-In City"; 'Máquina' ou 'Organismo'?	543
Ana Cláudia Böer Breier e Andrey Rosenthal Schlee		Marta Feliciano e António Leite	
Memórias experienciadas: O que esquece o Projecto	444	O argumento no projeto de arquitetura: Brasília e Serra do Navio na Amazônia	551
Maria Dulce Loução		José Alberto Tostes	
Anotações teóricas sobre a noção de significância	449	Festa dos Martírios: praça, igreja e cidade de Maceió antiga sob os recitais das celebrações	560
Lúcia Leitão		Anna Maria Vieira Soares Filha	
Dora, uma arquitetura para sonhar	456	A Cidade da Beira como palco da polémica nos anos quarenta. Do Urbanismo à Arquitectura	566
Lúcia Leitão		João Sousa Morais	
Niemeyer Inatural	461	Para uma Ecologia da Forma Arquitectónica. Manifesto por uma nova arquitectura orgânica	576
Carlos Eduardo Comas		Pedro Marques de Abreu	

Sete palcos para a Arquitectura

Teresa Fonseca*

RESUMO

Usando a técnica da colagem, este trabalho pretende construir um discurso que, ordena categorias identificadas pela autora, convoca e aceita a intersecção de múltiplas vozes do pensamento, do debate e da criação da arquitectura, em torno da palavra "Palcos". A ordem é só aparente, com a inscrição de números em capítulos, cujos conteúdos podem intercambiar-se, ficar escondidos ou deslizar para surgirem e até repetir-se noutras que não aquela categoria em que agora são apresentados. As categorias escolhidas - o palco real ou arquitectura propriamente dita (do espaço público à sala onde leio e escrevo), o palco da teoria, o palco da opinião, o palco da crítica, o palco do louvor, o palco da construção, são aquelas que intuitivamente resultaram de uma tão variada quanto simultânea articulação de fontes e lugares que caracterizam o palco da vida pessoal e profissional da autora. Uma intensiva revisão de literatura, em biblioteca pessoal, por um período exacto de 90 dias; escritos *breves*, de mais de 50 estudantes de Teoria 3 (4º ano) para o exercício "*Uma coisa que aprendi na escola de arquitectura*" e casos propostos por outros 50 estudantes de *Arquitectura do Espaço Público* (4º e 5º) do curso de mestrado em arquitectura da FAUP foram recolhidos durante duas semanas. Um primeiro debate sobre palavras, sem perspectiva de resultados absolutamente claros, deixou quase em branco, na fase actual deste projeto de investigação, pelo menos um dos "palcos", o da crítica. São resultados provisórios, portanto, o que trazemos.

Palavras-chave: Arquitectura do Espaço Público, categorias arquitectónicas, teoria da arquitectura, crítica de arquitectura

*CEAU, Centro de estudos de Arquitectura e Urbanismo, FAUP Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Portugal | e-mail: tfonseca@arq.up.pt

INTRODUÇÃO

Não é fácil, para o arquitecto, encontrar milhares de palavras para falar sobre "os palcos". A sua escrita, para além dos números que indicam medidas de comprimento, largura e altura, inclui nomes de materiais estruturais, revestimentos e acabamentos, mecanismos de movimento de chão, cenários, iluminação, redes e equipamentos de segurança contra riscos de incêndio e outros. Tudo o que pensou o arquitecto, sobre Shakespeare a Sartre, ou quantos pianos, saxofones, violoncelos e vozes escutou até decidir sobre cada um dos números e elementos que formaram um palco, não interessa mais, quando a obra se acaba. Importa que sirva para tudo o que foi previsto e outras coisas agora impensáveis de serem representadas neste palco, Espera-se que o palco resista, para além de quem o patrocinou, das actividades e expressões de cada tempo,

Não somos escritores, porque somos arquitectos. Também não somos filósofos porque não pensamos segundo as ideias. As ideias do arquitecto enquanto tal, nunca são gerais, são espaciais e portanto pensam-se (ou, como dizia Vitruvius, traduzido por Claude Perrault, *meditam-se*) através do desenho - plantas (*iconografia*) cortes (*ortografia*), perspectivas (*cenografia*). Trata-se aqui de uma espécie de representação que é da arquitectura enquanto tal, cuja espessura semântica reside no acordo íntimo e na coerência interna das partes e do conjunto de cada forma no lugar que lhe pertence: Firme, Útil, Bela.

O desafio lançado na proposta do seminário, *Palcos da Arquitectura*, inclui desígnios de aceção lata do conceito de representação, para os quais reconheço alguma impreparação, não dominando as artes do espetáculo que foram as criadoras do conceito primordial de palco, nem a semiótica ou as ciências da comunicação que tratam dos símbolos e das significações, das mensagens e dos seus meios de transmissão particulares e para as massas. Desenho e outros meios, são representações do espaço. A arquitectura não é representação, pelo contrário, ela é presença, é uma expressão dos seus próprios valores, que transcendem os meios materiais e humanos da sua feitura.

São diferentes em natureza, as palavras e as coisas. À arquitectura, enquanto coisa, cabe a força comunicativa da experiência (apreendida pela intuição, elaborada no mundo do sensível) só parcialmente transmissível através de conceitos e mais dificilmente explicável enquanto ideia. *Por definição, não há experiência que corresponda às palavras "todos", "sempre", "necessariamente"...* DELEUZE

1.O palco real de todas as formas da arquitectura: O Espaço Público.

Nele se representam as peças de todas as vidas. É popular. Não é um palco para os especialistas, é um património universal.

Todas as construções de uso individual ou coletivo, além de intervirem na forma do Espaço Público, dele recebem contrapartidas que acrescentam ao seu valor próprio. Se a função da rua é ser *uma sala de concórdia*, também é *dedicada pelo proprietário de cada casa à cidade em troca de serviços comuns*. (KAHN)¹.

No passeio público junto ao edifício da IBM, senti que pisava uma pedra única de granito, de grandes dimensões, talvez com a largura total da escadaria de acesso, onde vi inscrita uma dedicatória (da IBM) ao povo de Chicago. Foi já há muitos anos (1989). O dono do edifício e as suas funções já não são os mesmos. Acredito que aquela pedra ainda permaneça na Avenida.

¹ L. Kahn, *Credo*, «Architectural Design», n.º 5, 1974, p. 280

A Arquitectura é o espaço da vida humana, acolhe e devolve em ressonância, a experiência de cada um e de todos.

« Dis-moi, n'as-tu pas observé, en te promenant dans cette ville, que d'entre les édifices dont elle est peuplée, les uns sont muets ; les autres parlent et d'autres enfin, qui sont les plus rares, chantent ? » Paul VALÉRY²

«Só as pessoas estão alegres ou tristes. (visita ao Multiusos de Gondomar) É tão cinzento (Diz-me a jornalista). Pois é. Imagine este espaço povoado de gente. Acção, momentos intensos. Entusiasmo, ansiedade, alegria. Olhe para a sua camisa (vermelha). Olhe à volta. Olhe as roupas dos outros e os olhos dos outros: as cores do arco-íris misturam-se, movem-se, cintilam. Massa contínua que fala alto. Vê isso? O espectáculo acaba. Toda a gente parte. O edifício fica só, prepara-se para receber outra gente ou a mesma: repousa. As luzes apagam-se. Não é cinzento, é negro. Não é triste, repousa. Os edifícios e os objectos e os espaços, não são tristes nem alegres. Existem quando recebem gente e existem por isso e para isso. Cada um de nós chega a casa, acompanhado ou só. Dorme, só com os seus sonhos com ou sem cor. Semicerre os olhos. É capaz de repousar? É capaz de sonhar desperta?» SIZA³

Serão estas duas citações contraditórias?

Apenas são diferentes os objectos de cada disciplina: para o poeta e escritor, o objecto do pensamento são as palavras; para o arquitecto, o objecto do pensamento são as formas de organização do espaço. Um pensa segundo as palavras outro segundo as formas dos edifícios e objectos e espaços.

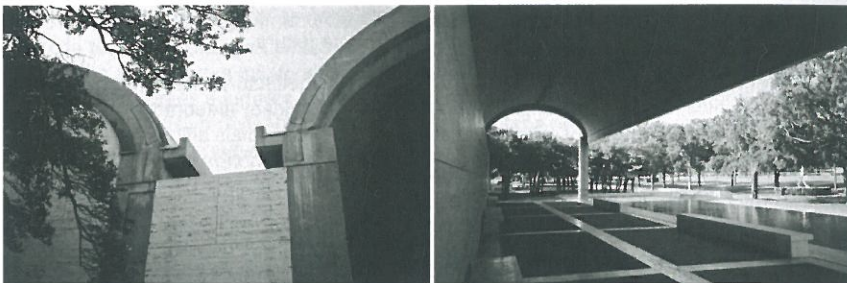


Fig. 1. Museu Kimbell, Fort Worth Texas, USA (1969-1972), Louis Kahn, Foto da autora, 2001

Só o palco real da arquitectura pode ser experimentado e fotografado por profissionais e amadores. A experiência do sublime é rara e só ocorre como resultado de muita preparação tanto material como espiritual, custa, sobretudo, tempo e perseverança. Não seja a escassez de meios, desculpa para reduzirmos os nossos padrões de esforço nem de desejo de perfeição, disse Ruskin.

As naves que constituem o museu Kimbell, repetem, com uma simplicidade inaudita, um módulo de 30 metros por 6 metros de largura e outros 6 de altura, em abóbada ciclóide de betão impecavelmente descolado. O pavimento do piso de exposições desenvolve-se

² Paul VALÉRY, *Eupalinos ou l'architecte*, 1924

³ Alvaro SIZA, «Só as pessoas estão alegres ou tristes» [2007] *01 Textos*, Civilização 2009,373

como se nenhuma divisão nem as próprias colunas nele pousem. Os brilhos do soalho e do travertino desmaterializam todos os elementos que representam esforço, peso ou obstáculo à leitura do plano horizontal que se torna infinito mesmo nos espaços que percebemos como próximos das paredes exteriores.

O número de materiais à nossa vista é reduzidíssimo, betão, travertino, madeira, vidro, breves apontamentos de serralharia e a mínima presença dos remates de chumbo que revestem as coberturas. A máxima economia dos meios de expressão.

«O nosso clássico é o que não pode ser-nos indiferente e que nos serve para nos definirmos a nós mesmos em relação e se calhar até em contraste com ele. (...) O que distingue o clássico no discurso que estou a fazer talvez seja apenas um efeito de ressonância que tanto vale para uma obra antiga como para uma moderna mas já com o seu lugar numa continuidade cultural. Poderíamos dizer: 'Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu primeiro os outros e depois lê esse, reconhece logo o seu lugar na genealogia.'»⁴

2.0 palco da teoria: O espaço da meditação

"A essência da arquitectura é comover a alma humana e não prestar um simples serviço ao corpo do homem." RUSKIN

«Dos muitos críticos e teóricos que fazem parte do pensamento arquitectónico contemporâneo, nenhuma voz teve maior importância do que Vittorio Gregotti, até pela sua excepcional clareza e longevidade. (...) É esta combinação de teoria e prática que tem derramado sobre o seu discurso tal subtilidade e convicção, uma vez que todos os seus escritos nasceram de um processo dicotómico em que o sujeito crítico oscila constantemente entre o textual e o tectónico, quer dizer, entre o acto diário de ler e escrever e a, igualmente criativa, batalha travada todos os dias com os seus colegas profissionais e colaboradores.» FRAMPTON⁵

«todo o interesse é prático, e o interesse mesmo da razão especulativa é apenas condicionado e só é completo no uso prático» KANT⁶

3. O palco da opinião: O espaço do juízo

Uma leitura me parece urgente recomendar, do meu filósofo de estimação ao longo dos últimos quinze anos: Gilles Deleuze, *A Filosofia crítica de Kant*.

Duas explicações, uma sobre o autor, que admirava Michel Foucault pela sua inesgotável paciência e rigor documental (uma vida vivida entre arquivos sombrios ou entre edições originais e completas dos autores que estudou) mas declarava preferir as edições de poche que lhe permitiam andar na rua e trabalhar em qualquer sítio. Aliás, a obra que recomendo, na edição portuguesa, pouco ultrapassa as 100 páginas em formato próximo do A5, podendo, portanto considerar-se cómodo para ler num café, num jardim ou no

⁴ Italo Calvino, "Porquê ler os clássicos?" in RODRIGUES José Miguel, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*, FAUP 2006, 38

⁵ Kenneth FRAMPTON, Foreword in GREGOTTI, Vittorio, *Inside architecture*, [Dentro l'architettura, 1991] MIT, 1996, VII

⁶ KANT, CRPr, *Crítica da Razão Prática, Dialéctica e FMC Fundamentos da metafísica dos costumes: Um interesse é aquilo através do qual a razão se torna prática... O interesse lógico da razão, que consiste em desenvolver os seus conhecimentos, nunca é imediato, antes pressupõe fins aos quais se refere o uso desta faculdade*) in DELEUZE, Gilles, *A Filosofia Crítica de Kant* 2009,63

metro. A outra razão para este livro em especial, é o seu conteúdo, da maior pertinência para o nosso tempo em que se abrem mil oportunidades para preencher os não-lugares da ambiguidade entre crítica e opinião: Kant e as suas Críticas da Razão (Pura, Prática, Transcendental, do Juízo, e outros *opus*), inexpugnáveis para o homem comum, transformam-se pelo génio de Gilles Deleuze numa estrutura clara e luminosa que a todos instrui sobre as faculdades humanas de conhecer e julgar.

Desenvolvimento do conhecimento, métodos e finalidade do juízo, génese e consequências.

O juízo estético, deixará de ser, para quem ler o pequeno livro, um assunto a “evitar” nos artigos de opinião. O mesmo juízo, ou a falta dele, também passará a ser observado com cuidado pelos que lêem críticas e pareceres (opinião) sobre os seus trabalhos e de outros.

Com Deleuze (com algumas expressões de Kant incluídas), poderemos finalmente desejar que todos saibam que «a imaginação faz algo diferente de esquematizar: manifesta a sua liberdade mais profunda reflectindo a forma do objecto, ela joga-se de certo modo na contemplação da figura, torna-se imaginação produtiva e espontânea como causa de formas arbitrárias de intuições possíveis.» e até, ficamos a saber que «acontece um acordo entre a imaginação como livre e o entendimento como indeterminado, ou seja um acordo igualmente livre e indeterminado entre faculdades, acordo este que define um senso comum propriamente estético (o gosto). Afinal, o prazer que supomos comunicável e válido para todos é apenas o resultado deste acordo.» O senso comum lógico e o senso comum moral, são completados pelo senso comum estético.

«A própria imaginação é pois, realmente, parte constituinte do senso comum moral» (DELEUZE)

4. O palco da crítica: muitas formas, muitos agentes

«le beau nous pousse, nous conduit quelque part: à recréer tout au moins en nous, par contemplation, la forme belle, nous devenons architectes» (VALERY)⁷

5. O palco da prática: O espaço do silêncio

A prática é a repetição de gestos, de operações, de ensaios, também, de formas ou partes de formas já construídas há muito ou pouco tempo, umas por autores anónimos e outras por grandes nomes. Siza diz que *repetir nunca é repetir*.

A prática fala pouco, vê muito e escuta muito mais. Ouve muitas pessoas e sons, escrutina o espírito do tempo, busca transcender e construir a melhor obra.

Ouve o patrocinador, o cliente, outra vez, o cliente, as engenharias, os assessores para o desporto, para a igreja, o construtor, o serralheiro, cofragem, vidro, o cliente, a fiscalização, o colaborador, o gestor de projecto, Cartas, actas, contratos, mapas, quadros, legendas, rótulos, faturas, caixas de coisas infinitamente dispersivas, passos, elevadores, lamas, caminhos inclinados, praias planas.

Em sonhos, figuras de mecenas em novo renascimento restauram o desejo de praticar a arquitectura. O cliente novo pedirá, como Jonas Salk ao seu arquiteto [Kahn], um edifício [Laboratórios Salk de La Jolla] em que até Picasso quisesse entrar e reconhecer como

⁷ SAUVAGE, André, «Épreuves Critiques et Preuves» [écrit en 2004] in Agnès Deboulet, Rainier Hodde et André Sauvage (sous la dir. de), *La critique architecturale. Questions – frontières – desseins*, Paris, Éditions de la Villette, 2008. 194.199.196.73/editions/images/extra1_165.pdf (10 de Outubro 2012)

obra de arte. Na falta da referência exata para a história de La Jolla, repetimos aqui a precedente citação de Kahn, “La rue est dédiée à la ville par chaque propriétaire de maison...” com nova fonte, aplicável a esta perspectiva do novo cliente que é preciso formar.⁸

6. O palco do reconhecimento e louvor: De Alberti à Pritzker family of Chicago

(através da Hyatt Foundation, criado em 1979, o Prémio Pritzker, atribuído anualmente, é referido muitas vezes como o “Prémio Nobel da arquitectura” e “a maior distinção profissional”. «Para honrar um arquitecto vivo cuja obra construída demonstra uma combinação das qualidades de talento, visão e dedicação que produziu contribuições consistentes e significantes para a humanidade e o ambiente construído através da arte da arquitectura.»,

Alberti, o primeiro formador dos arquitectos, anunciou que «com estas Artes [os Elementos da Pintura (...) Matemática, e um tal Conhecimento de Linhas, Ângulos e Números que é necessário para a Medida de Pesos, Superfícies e Sólidos...], juntas ao Estudo e Aplicação, o Arquitecto pode estar certo de obter Favor e Riqueza, e deixar o seu Nome com Reputação para a Posteridade»⁹

Palcos reais, obra construída, consistente e significante para a humanidade e o ambiente, são, provas dadas por aqueles que merecem o nosso reconhecimento.

7. O palco da construção: Da imitação à inovação (da meditação à invenção).

A invenção é o resultado ou prémio da meditação bem feita: «La méditation est l'effort que l'esprit fait, invité par le plaisir qu'il a de réussir dans la recherche de quelque chose; l'invention est l'effet de cet effort d'esprit qui donne une explication nouvelle aux choses les plus obscures.» VITRUVIO, PERRAULT

«Em arquitectura, as bases construtivas antigas morreram. Só se reencontrarão as verdades da arquitectura quando novas bases tiverem constituído o suporte lógico de qualquer manifestação arquitectónica.» Le CORBUSIER¹⁰

No ensino da arquitectura, se recria paciente e longamente a esperança. Só através da cultura do exemplo concreto, edificante (construtivo), disperso pela história e por todas as partes do mundo, devolveremos às formas do espaço os atributos da beleza, inspiração, magia, sortilégio, encanto, palavras que Luis Barragán, em 1980 e com tristeza, notou que numa proporção alarmante, foram banidas das páginas das publicações dedicadas à arquitectura, mas continuavam a ser as suas linhas de conduta.

CONCLUSÃO

Como anunciamos no nosso resumo, os presentes resultados são provisórios. Está ainda por tratar exaustivamente o material relativo à pergunta “Uma coisa que aprendi na Escola de Arquitectura”. No entanto, e confirmando em 2012 as palavras de Barragán, verifica-se que, numa proporção alarmante, 80% das contribuições se centra na infinita virtude do desenho, 15% nos modos de ver (o mundo, a vida, os materiais) 5% apenas, nalgum elemento ou forma da arquitectura.

⁸ NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Paysage, Ambiance, Architecture*, Mardaga, 1981. 184, 207

⁹ ALBERTI, Leon Battista, *The Ten Books of Architecture, The 1755 Leoni Edition*, BBOOK IX, CHAP. X. Dover, N.Y. 1986, 207

¹⁰ Le CORBUSIER, *Vers une architecture [1923]*, Flammarion 1995, 48

Também se verificou, que se não encontraram ideias para o palco da crítica, determinando que para ele deverá convergir agora a nossa atenção. Observando, contudo, os atributos que K. Frampton, coloca em Gregotti, (ponto 2) teórico, crítico, prático, capaz do discurso textual e tectónico, reflexivo e criativo, será de concluir que não é tarefa fácil em teoria escolher o conceito mais conveniente, como na prática, sempre será solitária a decisão do arquitecto sobre que material escolher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles, *A Filosofia Crítica de Kant* [1963, Presses Universitaires de France], edições 70, Lisboa 2009

Les Dix Livres D'Architecture de VITRUVÉ corrigés et traduits nouvellement en François, avec des Notes & des Figures, em 1684. (Seconde Edition revue, corrigée et augmentée) par CLAUDE PERRAULT. Pierre Mardaga Editeur, 1979

RODRIGUES José Miguel N B, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*, FAUP 2006

RUSKIN, J. *The seven lamps of Architecture* [1849] Les sept lampes de l'architecture, Denöel, Paris, 1987 (cit. Aforismo 4, A lâmpada do sacrifício)

SIZA, A, *01 Textos*, Civilização, 2009

Experiência e conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX – a viagem e o seu registo como argumento

José Fernando Gonçalves*

RESUMO

A enunciação e amadurecimento dos princípios conceptuais e materiais que estiveram na origem da arquitectura moderna tiveram como suporte decisivo duas ferramentas de investigação e registo: o retorno cultural às origens (mundo grego e romano), para delas retirar o processo essencial de concepção e construção; o uso da fotografia, como a mais avançada tecnologia de captação da experiência arquitectónica, para o registo e divulgação dos resultados. Ambas tiveram desenvolvimentos e consequências importantes na segunda metade do século XX e bem assim na maturidade do pensamento e acção arquitectónica da arquitectura moderna portuguesa.

A experiência e conhecimento da arquitectura, mediada por dois processos de investigação que colocaram a arquitectura num "palco" de experimentação sensorial e material preciso, foram também aqueles que a transportaram para um universo virtual que antecipou uma leitura da forma, do espaço e da construção desvinculadas do lugar e destinatário. Retornar aos fundamentos desse processo de conhecimento parece por isso investigação oportuna para dela extrair material útil ao redireccionamento das práticas pedagógicas e profissionais.

*Professor Auxiliar do Departamento de Arquitectura da FCTUC